

MONFORTINOS

**40 ANOS
DE HISTÓRIA**

1966 - 2006

Paróquia Santa Rosa de Lima Perus Arquidiocese de São Paulo

e

40 anos de presença monfortina

apresentação

40 anos atrás, em 1966, conheceram-se o povo de Perus, abrangendo também Parada de Taipas e Anhanguera, e os monfortinos, até aquele momento uma congregação quase desconhecida da maioria do povo. Por vários motivos foi vivida uma história que vale a pena lembrar: Concílio Vaticano II, grandes encontros de bispos da América Latina (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo), fundação da CNBB, criação das regiões na Arquidiocese de São Paulo, começo dos setores. Isso das paróquias para cima. E na base a criação das Comunidades Eclesiais de Base que é uma nova forma de ser igreja. Um tempo de grandes atividades e de muitas descobertas na vida da igreja.

Tudo isso tinha a sua repercussão na vida da igreja local. D. Paulo à frente da Arquidiocese de São Paulo, na Região Lapa os bispos D. Benedito e D. Alfredo, na Região Brasilândia D. Angélico e o atual bispo D. Simão. Houve uma conscientização do povo que cada vez mais começou a abrir olho e ouvido. Pessoa vem e vai. Movimento nasce e morre. Iniciativa tem início e fim. O que sempre está presente é o povo guiado pelo Espírito Santo.

E nestes 40 anos descobrimos uma parte, pequeninha, da história do povo mas que tem a sua importância dentro da construção do Reino de Deus.

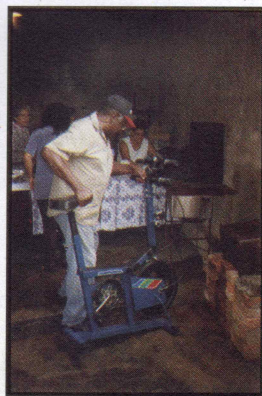
Não temos grandes pretensões nem com a nossa história e nem com este histórico, apesar de ter a sua importância. Muitas coisas não foram lembradas ou até esquecidas, muitas pessoas não tiveram os seus nomes mencionados, muitas alegrias e tristezas são guardadas nos corações. Levantamos somente uma ponta do lençol para nos lembrar como a paróquia e o povo são queridos, como lutamos, como conseguimos muitas coisas, como houve vitórias e frustrações, como vivemos alegrias, como o povo, os padres e irmãos e irmãs fizeram parte de tudo isso.

O que a história nos vai trazer num futuro próximo ou remoto, isto ninguém sabe. De uma coisa temos certeza: o povo de Perus está no coração dos monfortinos e os monfortinos estão no coração deste maravilhoso povo peruense. Assim dá para perdoar uns aos outros e viver num amor fraterno.

Agradecemos a todos que ajudaram a realizar a pastoral do jeito que estamos vivendo e a comemoração destes 40 anos numa festa inesquecível.



Raul - 2001



Sebastião - 1999

.A. situação geral da igreja e da congregação monfortina

.1. 1962 - 1965 Concílio Vaticano II

Foi o papa João XXIII que surpreendeu o mundo inteiro com a sua iniciativa de convocar um Concílio em 1962. A última vez que aconteceu isso foi em 1869-1870, o Concílio Vaticano. A característica deste novo concílio foi que seria um concílio pastoral e não sobre um ou outro dogma. Principalmente aqueles que antes falaram de um papado curto e transitório, de pouca influência e importância, levaram um susto, mas todo mundo começou a trabalhar. Quando João XXIII faleceu, automaticamente houve o encerramento deste concílio que já tinha recebido o nome de Concílio Vaticano II. O sucessor, Paulo VI, porém, logo decretou a reabertura e a continuação deste concílio que foi encerrado só em 1965.

.2. Situação da Congregação monfortina.

Deixando de lado outras partes da congregação ativas no mundo, vemos que os monfortinos em Moçambique, país que fica na África, estavam numa situação muito difícil. Naquela época houve uma onda no mundo inteiro de lutas para conseguir a independência. Moçambique também entrou numa luta árdua e muito violenta para conseguir a independência de Portugal. Muitas pessoas morreram tanto nos combates como em outros conflitos relacionados com a guerra. A congregação monfortina também perdeu alguns membros que foram mortos acusados de grande amizade com os portugueses. Antes destas violências a província holandesa da congregação tinha uns 60 membros trabalhando no país. Em pouco tempo foram reduzidos a uns 10. Hoje temos só 1 monfortino naquele país. Uns queriam ficar, outros não. Uns quiseram voltar para Moçambique depois das férias na Holanda, outros não. E o governo da congregação não quis obrigar ninguém nem a ficar em Moçambique e nem a voltar para a Holanda.



Piacatu - 1982

.3. Pedido do papa

Foi nesta situação que houve um pedido do papa Paulo VI para os monfortinos assumir uma missão na América do Sul, especialmente no Brasil. Já tinha padres monfortinos holandeses na Colômbia. Os responsáveis chegaram a um acordo e a província holandesa assumiu um compromisso, mas tinha um limite. Seria uma missão para aqueles padres que não tinham condições de ficar ou de voltar para Moçambique. Eram pessoas que ainda tinham condições de trabalhar na pastoral. O acordo, porém, fechou a possibilidade de recém ordenados optar pelo Brasil. Na prática, porém, seria bem diferente. A metade foram ex-missionários de Moçambique e a outra metade foram padres convidados pelo governo da congregação ou que optaram pelo Brasil.

Uma parte foi para o interior de São Paulo, para a diocese de Lins. Estes foram todos ex-missionários de Moçambique. Outra parte ficou na cidade de São Paulo começando por Perus e mais para frente trabalhando também em outros bairros de São Paulo: Parada de Taipas, Rincão, Pereira Barreto (N. Sra. do Retiro, Cantagalo, São Luiz Gonzaga), Lapa. Todos estes padres não tinham nada a ver com Moçambique.

.4. Conhecer a terra

No início de 1966, vieram Pe. Guilherme e Pe. Carlos numa visita de orientação para ter informações. Depois de várias viagens e diversas conversas decidiram, em princípio, aceitar uma área em Osasco e falaram disso para o Vigário Geral da Lapa daquela época. Este, porém, pediu para os padres ficarem em Perus, periferia como Osasco, pobre como Osasco, bairro de trabalhadores como Osasco, principalmente na fábrica de cimento, com quase nenhuma infra-estrutura. O pedido foi aceito.

.5. Vinda confirmada

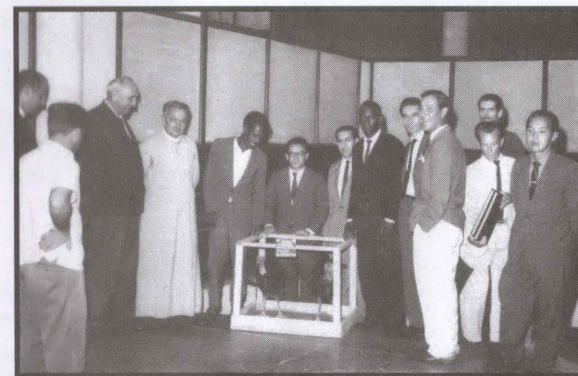
E assim aconteceu que em outubro de 1966 chegaram Pe. Guilherme e Irmão Bento, e em janeiro de 1967 Pe. Carlos. Apesar de todo calor humano e de toda boa vontade dos dois lados, foi um começo difícil por causa de clima, língua, cultura, práticas religiosas, política (ditadura militar 1964), judiciário, legislação, renovação na igreja depois do concílio.

As cidades do interior de São Paulo, onde os monfortinos trabalharam, são:

Barbosa, Braúna, Clementina, Gabriel Monteiro, Guaíçara, Piacatu, Santópolis, todas pertencendo à diocese de Lins. Os padres que trabalharam no interior são: Carlos Knibbeler, Francisco Geraeds, Guilherme Kuypers, João Metselaar, João Oberndorf, João Sluysmans, José Menten, Leonardus van Winden, Tiago Buner.

B. história de Perus, Paróquia Santa Rosa de Lima

Conforme as informações, no início do século passado, por volta de 1903, chegou em Perus uma senhora que se chamava Edviges Dias. Foi morar no terreno da fábrica de cimento e era devota de Santa Rosa de Lima. Por isso houve uma mudança na igreja que já tinha Nossa Senhora Auxiliadora como padroeira mas cedeu o seu lugar a Santa Rosa de Lima. As duas vivem juntas, pacificamente, primeiro na antiga capela/igreja, depois na nova igreja construída por volta de 1966. O



Pe. Guilherme/Pe. João - 1966

título oficial da paróquia é de Santa Rosa de Lima, erguida em 15 de janeiro de 1940.

Segue agora um pouco da história monfortina, cada período recebendo o nome do pároco. Claro que não dá para mencionar tudo. Também não dá para separar nitidamente um período do outro pois certas linhas de atuação e influência continuam mesmo depois de alguém ter deixado um lugar.

.1. período Pe. Guilherme, Ir. Bento, Pe. Carlos

Em outubro de 1966 chegaram Pe. Guilherme e Irmão Bento. E em janeiro de 1967 chegou Pe. Carlos. O primeiro contato houve por acaso no Rio de Janeiro onde João Breno foi para participar de um congresso e por onde passaram os primeiros monfortinos para se apresentar à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Assim, para achar Perus não foi tão difícil e o primeiro momento foi também diferente pois não foi através das famílias tradicionais de Perus, como de costume, mas através de uma família de um

operário da fábrica.

A divisão das tarefas também já ficou combinada: Pe. Guilherme, com 70 anos, foi nomeado pároco e o Pe. Carlos ficou responsável (superior) pelos monfortinos que já estavam ou que viriam e o Irmão Bento assumiu a catequese e o coral das crianças. Os dois trabalhavam juntos para enfrentar os primeiros desafios e um dos maiores era a construção da igreja e da casa paroquial.



Presépio - 1997

Com pouca infra-estrutura no bairro, a construção da igreja já estava em andamento, mas este não foi o único desafio no início. Já tinha uma organização pastoral e lideranças, mas tinha também a orientação

do Concílio Vaticano II e estas duas coisas nem sempre estavam andando na mesma direção.

Desde o início estavam presentes as Filhas de Maria, os Vicentinos, o Apostolado de Oração, as catequistas, os Marianos.

Em 1969 o Irmão Bento saiu da congregação e casou. O Pe. Guilherme foi para o interior (Clementina, 1973), mais tarde para Guaíçara (1975), e em 1978 voltou definitivamente para Holanda, onde morreu em 1979, aos 83 anos.

Ficou pronta a construção da matriz e da casa paroquial. Foi reformado o prédio que depois serviria como creche e que marcou muito a vida da comunidade. Primeiro trabalharam somente voluntárias durante algumas horas por dia, mais para frente houve registro do pessoal conforme a CLT, pois aos poucos começaram a trabalhar mulheres que receberam um tipo de salário pois precisavam do dinheiro para sustentar a família e trabalhavam o dia inteiro.

2. período Pe. Carlos e Pe. Pedrinho

Neste tempo vários padres chegaram, foram para outros lugares ou ficaram. Pe. Carlos continuou. Pe. Humberto veio para dar uma mão na organização da imprensa o que por vários motivos não deu certo. Mas trabalho não faltava e ele reformou a capela de São Jorge no Centro Catequético, mais para frente ainda sendo reformado e sendo chamado de 'Centro Comunitário Pe. Guilherme Kuypers'.



Pe. Humberto foi convidado para ficar responsável pela capela que tinha no Jardim Rincão. De lá ele foi para Laranjeiras e para Vila Rosina. No mês de fevereiro vai completar 100 anos, se Deus quiser.

Pe. Pedro Maria de Waard foi convidado para assumir a Capela da Santa Cruz em Parada de Taipas.



Retiro - 2002

Construiu lá a igreja e o Centro Comunitário, mais conhecido como 'creche azul'. Mudou para Lapa (Nossa Senhora da Lapa), construiu a igreja São Pedro, ficou com alguns seminaristas no Rincão e na São Luiz Gonzaga e depois foi para Atibaia, onde construiu mais uma igreja e onde está até agora. Este período foi caracterizado por muitas iniciativas que em parte já tinham começado: construção da igreja (já começada), casa paroquial, reforma da creche, reforma do Centro Comunitário, greve da fábrica de

cimento, início e aumento da Ação Social com visitas domiciliares, farmácia, clube de mães, campanha de Natal, campanha de agasalho, formação e ampliação do Conselho Paroquial (talvez o primeiro na Região Lapa), crescimento dos trabalhos da Ação Social (creche, visitas, farmácia, bazares, clube de mães com reunião e bate-papo de formação nos domingos, entrega de leite e queijo), liturgias animadas principalmente a missa das crianças, formação de 4 corais. E não podemos esquecer da fundação das primeiras CEB's, as Comunidades Eclesiais de Base. Estas comunidades são uma nova maneira de ser igreja. Não é a paróquia e as comunidades, mas é a paróquia que vive e se manifesta nas comunidades. Assim vimos nascer as CEB's João XXIII e São Paulo Apóstolo.



Doentes - 2000

A igreja quis conscientizar o povo e um dos momentos mais apropriados para isso foi o momento do batismo. Os pais receberam alguma informação sobre o sentido do batismo, o que ainda ficou muito na esfera de dormir mal, doença, choro, não comer. Houve muita resistência. Outras organizações religiosas aproveitaram para fazer propaganda de 'batismo sem curso'. Uma questão de pagar. Nesta época aconteceram algumas coisas que marcaram profundamente a parte ativa da paróquia: a passeata de mulheres contra o pó de cimento, a greve da fábrica de cimento, o incidente com João Glissenaar e a expulsão da Rosana. As mulheres, muito corajosas, organizaram uma passeata contra o pó de cimento. O entusiasmo era muito grande mas a repressão também: plena ditadura. A expulsão da Rosana foi uma das conseqüências.

'A greve da Perus' como ficou conhecida era totalmente pacífica. Da parte dos trabalhadores nunca foi usada uma arma o que não pode se falar da própria fábrica e da polícia. Depois de muitos anos os trabalhadores e o sindicato ganharam a causa, a primeira vez que isto aconteceu no Brasil. A igreja sempre apoiou os operários mas houve momentos de confronto e de muita tensão. Depois da missa das 10h00 nos domingos uma turma se reuniu na casa paroquial para a famosa caipirinha com debates fervorosos, mas tinha também uma sombra: assuntos discutidos, nomes de pessoas, críticas foram levados para fora num tipo de traição o que foi muito desagradável para dizer só o mínimo. Houve um momento de grande tensão quando os grevistas pediram o salão nobre para fazer reuniões, o que foi negado pelo Conselho Paroquial. Até D. Paulo Evaristo Arns foi chamado para resolver esta situação e conseguiu intermediar. Jan Glissenaar era um jornalista holandês que começou a organizar viagens no terceiro mundo para pessoas interessadas na problemática de pobreza e riqueza mundiais, educação, desenvolvimento, repartir, responsabilidade mundial. Chegou também na nossa paróquia preparando uma



Doentes - 2002

viagem destas. Quando passou por Pirituba, na altura da central elétrica, ele desceu do carro para tirar algumas fotos. Mas não foi muito longe, não. No mesmo ato se aproximaram alguns policiais (provavelmente do DOPS) querendo saber tudo. Não ficou detido mas foram algumas horas de tensão e de medo para nunca mais esquecer.

Pior foi o episódio envolvendo a Rosana, enfermeira suíça, que logo fez amizade com Elza e Cloniza, que trabalhavam na Ação Social. Rosana participou de uma passeata das mulheres contra o pó de cimento. Logo em seguida se apresentaram dois homens dizendo-se membros da cúria da arquidiocese, mas eles também eram agentes do DOPS. Ela ficou uns dias presa, incomunicável, acusada de pertencer a uma organização clandestina internacional. Prova disso seria que ela usava meia branca. Foi expulsa do país. Um comitê da paróquia a acompanhou quando ela saiu do aeroporto de Viracopos com muitos soldados do exército em volta dela fortemente armados como se ela fosse a pessoa mais perigosa no Brasil. Depois da anistia política já voltou algumas vezes para visitar os amigos aqui.

Pe. Carlos ficou até o final de 1975 quando junto com Pe. Guilherme foi para Guaíçara. Em 1978 veio para Cantagalo, uma parte da Paróquia Nossa Senhora do Retiro, e no final de 1985 voltou definitivamente para Holanda, onde está até agora.

3. período Pedrinho e Matheus



Casamento - 1981

esta trabalhando na nossa paróquia. Pe. Matheus ficou aqui junto com Pe. Pedrinho.

Pe. Pedrinho ficou mais com a parte de formação, grupos, comunidade e liturgia, enquanto Pe. Matheus se encarregou mais com a parte da Ação Social. Aumentou o número de comunidades. Além das 2 primeiras (João XXIII e São Paulo Apóstolo) nasceram nestes anos São Pedro Apóstolo, Fraternidade, São José Operário, São João Batista, Mensageiros de Cristo, Maria de Nazaré, São Mateus, São José do Triângulo, São Tiago, Monte das Oliveiras e Bom Samaritano. São Tiago já não tinha uma vida longa pois acabou por causa da Bandeirantes, naquela época chamada de Via Norte. Estas comunidades tinha um laço muito forte por causa da oração, das reuniões quinzenais e de trabalhos assumidos de ajuda mútua, como por exemplo a construção dos barracos da João XXIII, a primeira comunidade a ter uma sede própria. Não podemos esquecer do movimento de jovens chamado Movi Jovem e que era o antecessor da CJA (Caravela Jovem de Amizade); para a liturgia foi criada a Equipe de Liturgia que até hoje se reúne semanalmente; foram organizados os ECC's (Encontro de Casais com Cristo), encontros para os jovens e para crianças. Na área social, foram feitos convênios com a Prefeitura para creche (50 crianças), Centro de Juventude ou OSEM (400 crianças), APPS (Assistência a Pessoas com problemas de Subsistência), Aurora (um tipo de clube de mães ampliado). Estes Convênios eram necessários para poder continuar com este trabalho, uma vez que as remessas de roupas usadas deram muito problema na alfândega e que por isso não tinha mais os famosos bazares.

Em 1977 entrou o elemento feminino na nossa paróquia nas pessoas de 4 irmãs da família monfortina. Foram Ir. Ida, superiora do grupo, depois de um trabalho no Congo, na África. Ela começou a trabalhar principalmente no Jardim do Russo com as mães e com crianças. Ir. Louis-Marie, que durante muitos anos tinha prestado serviço numa casa da congregação na Bélgica e ela assumiu a coordenação da nossa creche. Ir. Anne e Ir. Monique que foram trabalhar em Parada de Taipas. Mais para frente vieram ainda Ir. Agueda (Jardim do Russo e Vila Operária), Ir. Lucy (Vila Malvina e Jardim São Paulo) e Ir. Elvira (casa).

Em 1975 chegaram Pe. Leo e Pe. Matheus. Depois de um curso de quatro meses no CENFI (Centro de Formação e Inculturação) no Rio de Janeiro, o Pe. Leo começou a trabalhar em Parada de Taipas, onde ele foi o primeiro pároco da Paróquia Capela Santa Cruz e onde ficou até 1994. Começou os preparativos para a Paróquia Nossa Senhora Das Dores e construiu a igreja da COHAB da Paróquia Cristo Libertador. De lá foi para João Monlevade - MG para ajudar na formação de seminaristas, voltou por seis anos para Holanda e desde dezembro de 2003

A partir de algumas remoções (Avenida Dr. Sílvio de Campos, Rua Paulino Cabral) começou o tempo dos Recantos. Eram favelas, mas para tirar este carimbo negativo começamos a usar este outro nome. Aos poucos, estes recantos se tornaram comunidades em pé de igualdade com as outras. Assim surgiram os Recantos da Alegria (antigo buraco), N. Sra. Aparecida (antigo botafogo), Recanto da



Girassol -1990

Esperança, Recanto dos Humildes e Cidade das Crianças.

Foi também a época em que surgiu o grupo de direitos humanos, primeiro como um movimento contra a violência, mais para frente como Centro Carlos Alberto Pazzini de Direitos Humanos. Este centro quer ser um grupo aberto, de nenhuma maneira ligado à uma religião. Infelizmente não tem participação de outras religiões. No início sim, mas os responsáveis desta igreja não gostaram e proibiram a participação. A morte do jovem Carlos já era a 4ª em pouco tempo e os coordenadores das comunidades tomaram a iniciativa de começar um movimento contra esta violência. Muitas pessoas entraram e a grande maioria saiu, discordando da linha de pensamento e de ação, não tendo a firmeza de uma luta contínua não só contra a violência mas contra todo tipo de ofensa à vida. Infelizmente não sai da cabeça do povo o que a grande mídia fala e repete: direitos humanos é defesa de bandido enquanto este e outros grupos querem ser defesa da vida.

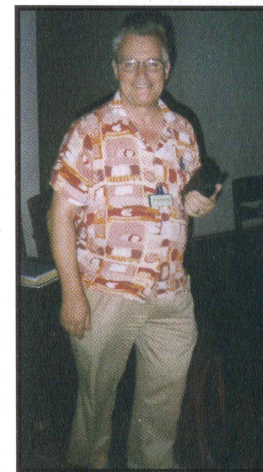
O Recanto dos Humildes e o Centro de Direitos Humanos tem uma ligação muito forte. Depois de um desastre de deslizamento de terra no final de 1982, no Jardim Manacá em que 2 crianças de uma mesma família morreram, a prefeitura criou condições para os moradores da beira do rio do lado da Vila Manacá se mudar para a Rua Júlio Maciel., também do lado de um rio. Do outro lado da rua já tinha as casas da Vila Nova Perus. A turma de assistentes sociais da prefeitura foi fantástica: conseguiu o terreno para 23 famílias, limpou este terreno, dividiu-o em lotes e forneceu o material. A construção ficou por conta do beneficiado. Quem não gostou desta decisão da prefeitura foram alguns moradores da Vila Nova Perus que começaram um abaixo assinado. Tinha um grupo de políticos que quiseram mostrar a sua força e foram ajudados por um general do exército reformado e candidato nas eleições. A mulher dele até ameaçou os padres com expulsão numa 'conversa' tumultuada na secretaria da paróquia. A intenção deles era a remoção das pessoas.

Estes novos moradores deram o nome de Recanto dos Humildes ao local. Mais para frente este nome começou a ser usado para todo o terreno do outro lado do rio que foi reservado para as famílias que durante alguns meses moravam nos containers. Depois que a prefeitura deu este terreno para os moradores, houve uma ocupação em outras áreas ao redor. Durante a missa no domingo depois daquela 'visita' houve uma tentativa de gravação do sermão o que não deu certo. Os membros de DH ficaram firmes, apoiando as 23 famílias para conseguir as suas casas.

E também o grupo de jovens que até altas horas da noite ajudaram na construção destas casas. O bispo foi convidado para rezar uma missa perto deste recanto e ele veio num domingo à tarde. A missa foi rezada ao ar livre em cima de um caminhão.

A Arquidiocese de São Paulo organizou a Ação Periferia, que tinha como objetivo conseguir terrenos e casas para comunidades. A nossa paróquia aproveitou desta possibilidade e assim conseguimos comprar alguns terrenos e/ou casas: Paulo VI, Bom Samaritano, Maria de Nazaré, São José Operário, São João Batista, Monte das Oliveiras, João XXIII, São Mateus, Fraternidade (Girassol). Aliás, esta Fraternidade foi a única que nasceu e morreu duas vezes. Apesar da boa vontade do casal coordenador, o povo sempre achava uma desculpa para não participar: distância, luz, asfalto, morro. Nem uma construção nova, nem missa e celebração conseguiram atrair o povo para ele se organizar. E o Recanto Girassol está com o mesmo problema.

Nos anos de 1950, o bairro de Perus recebeu luz elétrica, mas ainda não tinha água encanada. Através de um projeto para Memisa, organização holandesa para saúde, conseguimos uma verba para a construção de um poço semi-artesiano: um motor devia ajudar para levar a água para cima. Foram 75 metros de terra e 75 metros de rocha. A perfuração da terra demorou mais ou menos uma semana e a perfuração da rocha exatamente um dia. Alegria para o povo do Jardim do Russo quando a água subiu no dia



Retiro - 2000

21 de março de 1977. O povo podia pegar água a vontade e também podia lavar a roupa nos tanques que foram construídos. Isso trouxe muita sujeira e houve uma mudança. Foi feita uma ligação até Maria de Nazaré, onde as pessoas também podiam pegar água, mas agora revezando com João XXIII. Um morador resolveu o problema da água para ele e 'para sempre': construiu o seu barraco em cima do cano e colocou uma torneira para dentro de casa. Foi o primeiro morador de Perus com água encanada. Nesta época surgiu o movimento do Encontro de Casais com Cristo (ECC). Muitos casais aproveitaram para fazer uma revisão de vida. Deu certo. O que não deu certo foi aquela expectativa de milagres: é só fazer o ECC e resolve todos os problemas, como por exemplo o alcoolismo. Foram convidados casais participantes e mais alguns não tão ativos. E na mesma perspectiva começou também a Equipe Vida a Dois que assumiu a responsabilidade da preparação para o casamento.

Houve pequenas reformas no terreno da igreja: salão paroquial, sala 5 ampliada e banheiros construídos junto com a sala 4 para material da Ação Social.

4. Período Pe. Matheus e diversos outros

Em 1985, o Pe. Pedrinho achava que era o momento de aceitar um outro desafio na vida. Saiu da paróquia e foi para Jardim Rincão no mês de novembro, exatamente no momento da ordenação do Luiz Stefani. Ele ficou lá até meados de 1987 e voltou para Holanda. Monfortino mas irmão e não padre, é o frei Toninho. Chegou em 1988 e logo depois do CENFI, feito em Brasília, foi morar no Recanto da Alegria. Construiu lá a própria casa, a padaria comunitária e a oficina de corte e costura. Quando estes projetos já conseguiram andar 'sozinhos', ele se mudou para Polvilho, onde começou um trabalho para crianças desamparadas e com problema de HIV+. Neste momento moram lá 65 crianças que de uma ou de outra maneira não podem morar com as suas famílias.

O projeto é conhecido como 'Sítio Agar'. Matheus ficou sozinho mas não estava só: muito apoio de todo canto e principalmente das comunidades. Porém, esta foi uma situação que não podia continuar eternamente pois Perus era um bairro com sempre mais moradores. Precisava de ajuda que demorou. A primeira visita que D. Angélico fez já levou a uma constatação: deste jeito não pode continuar. Precisa de ajuda.

Veio o Pe. Aécio que estava na Anhanguera. Foi morar na CEB São João Batista e logo já começou a

preparar a fundação de outra paróquia para cima da estação o que resultou na Paróquia São José com muitas comunidades. Responsabilizou-se pela catequese e introduziu uma politização das nossas ações: não vivemos fora da realidade mas devemos aproveitar da política para conseguir uma vida melhor para o nosso povo através dos nossos representantes. Incentivou muito a luta contra o lixão, contra os incineradores, pelo valor histórico da fábrica de cimento e pelo projeto cultural e histórico da fábrica e de outras coisas. Em 1996 Pe. Aécio foi para Peri Alto.

Vivos muitas vezes não dão sossego mas às vezes acontece a mesma coisa com mortos. Este é o caso do nosso cemitério Dom Bosco onde em 4 de setembro de 1990 foi descoberta uma vala comum com 1.040 restos mortais. Entre eles deveria ter restos mortais de pessoas 'desaparecidas' durante a ditadura militar. Em 1º de dezembro daquele ano, todos os esqueletos foram transferidos para Campinas e foram confirmadas pelo menos 4 pessoas vítimas de tortura até a morte durante o

regime militar. Falamos do nosso grupo de Direitos Humanos que é somente um grupo pequeno e de pouca influência. Prova disso é que o grupo nem recebeu nenhuma notícia sequer sobre estes acontecimentos. Os grandes tomaram conta.

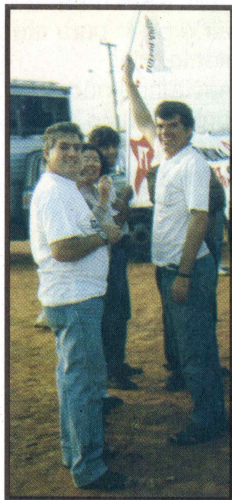
Pe. Leonardus Van Winden estava no Canta Galo. O bispo o convidou para assumir Nossa Senhora da Paz, no Jaraguá, perto do lixão. Ele veio morar aqui e trabalhou lá. Esta paróquia acolheu o Pe. Geraldo e Pe. Leonardus começou a trabalhar na Santa Rosa de Lima. Gostou muito de crianças que se tornaram amigas dele sempre depois de um começo meio difícil. Carregar peso, montar som e cuidar de flores era com ele.

Pe. Aécio ficou 6 anos e vieram o Pe. Konrad e o Pe. Genésio. Já tinha casa e um prédio com cara de igreja, um pouco maior do que o barraco que serviu por tantos anos. O Pe. Konrad se tornou o primeiro pároco desta nova paróquia que desde então recebeu uma vida independente da Santa Rosa de Lima e o nome da paróquia é São José (sem o Operário).

Um vai outro vem. Em janeiro de 2000, o Pe. Leonardus foi para João Monlevade por motivos de saúde. Voltou para Holanda no mês de março e faleceu de câncer em 7 de setembro daquele ano. O bispo D. Angélico estava saindo para a nova diocese de Blumenau como bispo titular. Ainda acolheu Pe. Gerson e foi combinado para este ficar em Perus, Santa Rosa de Lima, o que ocorreu em 13 de fevereiro. Logo 'a fama dele se espalhou' porque mexeu com métodos alternativos de tratamento de saúde e ele foi até



Vala comum - 1990



Comício - 1996



Aparecida do Norte - 2001

chamado de 'padre milagreiro'. Visitou muitas famílias e teve contato fácil com casais e jovens. Em outubro de 2002 voltou para a diocese dele. Uma das coisas mais notáveis é o aumento do colégio de ministros. Recebemos a licença do bispo para formar Ministros de Eucaristia, responsáveis pela distribuição da comunhão, para levar a comunhão aos doentes e preparar o altar para missa e celebração, Ministros de Batismo, responsáveis pelos batizados, e também Ministros da Palavra, responsáveis pelas celebrações da palavra quando não tiver missa ou na comunidade ou na matriz. Para a maioria do nosso povo não tem problema com estes ministérios e a atuação de leigos formados, mas uma parte ainda não consegue aceitar.

O Pe. Leo, durante os seis anos na Holanda, sempre falou que quiz voltar para o Brasil e isso aconteceu em 2 de dezembro de 2003. A convite do atual bispo, D. Simão, começou a trabalhar na nossa paróquia. Assumiu principalmente a catequese e a formação, inclusive do Itebra (Instituto de Teologia da Brasilândia) e está ajudando na CEB Nova Jerusalém com a nova construção.

Anexo 1. Lista dos monfortinos, em ordem alfabética, com algum laço com Perus

Bento (Perus), Bonifácio (Jd. Rincão, Parada de Taipas), Carlos Knibbeler (Perus, Guaíçara, Canta Galo), Gabriel Reyes (Rincão, João Monlevade), Guilherme Kuypers (Perus, Clementina, Guaíçara), Guilherme Meels (Jd. Rincão), Francisco Geraeds (Guaíçara, Pirituba, Lapa), Humberto Jongen (Jd. Rincão, Laranjeiras, Vila Rosina), João Metselaar (Barbosa), João Oberndorf (Braúna), João Sluysmans (Piacatu), José Menten (Clementina), Leo Muijens (Parada de Taipas, João Monlevade, Perus), Leonardus van Winden (Santópolis, Clementina, Canta Galo, Rincão, Perus, João Monlevade), Luciano Andreol (Jd. Rincão, João Monlevade), Luiz Stefani (Jd. Rincão, João Monlevade), Matheus Vroemen (Perus), Pedrinho Stevens (Perus, Jd. Rincão), Pedro Bonnier (Nossa Senhora do Retiro), Pedro de Waard (Parada de Taipas, Lapa, Central Parque, São Luiz Gonzaga, Jd. Rincão, Atibaia), Pieter Schoen (Parada de Taipas, São Luiz Gonzaga, Polvilho), Tiago Buner (Gabriel Monteiro).

Anexo 2. Algumas historinhas

Conta Paulo, filho do João Breno

Há uma passagem em que os padres foram almoçar em nossa casa sem prévio aviso, deixando minha mãe apavorada pois não tinha mistura, apenas arroz e feijão. Meu pai com sua simplicidade dizia para D^a Terezinha não esquentar a cabeça: tudo se resolveria. Tínhamos uma criação de coelhos. No entanto fizemos uma coelhada. Pois bem: o resultado foi os padres lambendo os dedos e os beijos: saldo positivíssimo.

O arquiteto da construção era o Sr. Van der Wielen. Quando chegou o momento da entrega, porque igreja e casa paroquial estavam prontas, ele convidou os padres e mais algumas pessoas para um jantar no Edifício Itália. Todo mundo satisfeito e querendo ir embora, o garçom trouxe a conta e o Sr. Van der Wielen ficou vermelho pois não tinha dinheiro o suficiente para pagar. Pediu socorro aos convidados, dinheiro este que deve ter ficado no espaço, pois nunca mais foi visto. Em 1976, os monfortinos faziam 10 anos na Paróquia Santa Rosa de Lima. Nelson Borsi, naquela época secretário, começou a tocar a campainha pois seria motivo para qualquer coisa de festa ou monumento ou plaqueta. Finalmente foi organizado por causa dos 10 anos um almoço para 10 famílias pobres, registradas nos arquivos da Ação Social, no salão paroquial. Uma festa muito simples mas que com certeza nunca vai ser esquecida pelos participantes

Anexo 3. Como estrangeiros tratam mal a língua portuguesa mas sem malícia

Pe. Carlos, falando de um aleijado no Evangelho

E lá veio o aleijado, se apoiando em duas mulatas

Pe. Guilherme, chegando em casa depois de uma volta em Perus com visita

'O que a visita achou de Perus, Pe. Guilherme?'

'Ficaram encantados com a pobreza'.

Pe. Pedrinho, no final da missa das crianças

Crianças, a bênção de Deus para vocês e muito carrinho para os seus pais.

Ir. Ida, relatando para as outras irmãs o que Pe. Pedro (Lapa) tinha contado numa visita

Agora é mais fácil para ele pois na igreja tem ajuda de um baviano

Amanhã ele vai viajar e pega o avião no aeroporto de Vergonhas

Ir. Monique, quando alguém perguntou como se chamava o pão gostoso que estava na mesa

O homem falou que se chama pão selvagem

Ir. Louis-Marie, apavorada numa manhã, porque durante a noite entraram na creche

'Pedrinho, entraram na creche e o ferro de la creche ...' 'Kaput?' 'Kaput!'

Pe. Matheus, num sermão sobre a multiplicação dos pães

... então levaram para ele 2 paus e 5 peixes

Pe. Leonardus, fazendo propaganda para a rifa de um bode numa festa de DH

'Tem ainda números para rifar um bode ...' 'Leonardo, é bode'. 'Eu sei. Então o bode está na minha frente...'

